



JORNALISMO ESPORTIVO, ROMANTISMO E APOLOGIA DA POBREZA

Hugo Lovisolo – Professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj
 Ronaldo Helal - Professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj

157

Resumo: O universo esportivo é um dos terrenos mais férteis da nossa era para a produção de discursos carregados de premissas românticas que, de modo forte, circulam no campo do jornalismo especializado. Apresentamos um breve recorrido na literatura sobre o esporte, e especialmente sobre o futebol, no caso brasileiro, para que possamos observar, de forma contextualizada, como o prazer pelo ato esportivo e o praticar esporte como profissão são colocados em dois pólos antagônicos como se fossem duas ações excludentes por si só. Na esteira do discurso romântico, observa-se, no caso brasileiro, a ênfase posta na origem popular e pobre, de baixo para cima, de nossos ídolos futebolísticos. A dimensão dada à pobreza inicial é usada como um fator importante para a “criação” de grandes craques do futebol brasileiro. O perigo destas narrativas é que se esticarmos a argumentação um pouquinho mais, terminamos fazendo uma apologia da pobreza. Os grandes craques surgem da pobreza. O que fazer quando e, se, o Brasil erradicar a pobreza? Não mais teríamos grandes jogadores? Perderíamos o tão comentado “jogo bonito”?

Palavras chaves: Jornalismo esportivo, romantismo, pobreza.

O universo esportivo é um dos terrenos mais férteis da nossa era para a produção de discursos carregados de premissas românticas que, de modo forte, circulam no campo do jornalismo especializado. O discurso romântico surgiu como reação ao discurso da ilustração baseado na razão e no pensar com autonomia, livre dos vínculos da tradição, a autoridade e o preconceito e apontando para o progresso e a mudança da sociedade. Os argumentos românticos se incorporaram de cheio às reações, tanto conservadoras quanto progressistas, às forças da mercantilização e da industrialização, enfim, do mundo dos negócios e do progresso que usaram os argumentos da ilustração a seu favor. Três valores eram centrais para o romantismo, já presentes no discurso anunciador de Herder, como foi salientado por Berlin (1982): o do populismo, o do pertencimento e o da autenticidade. Em vários sentidos a tradição era recuperada, sobretudo, quando de origem popular. Dito de forma esquemática, os principais valores, especialmente no campo das manifestações estéticas, emerge do povo; somos seres de pertencimento, quase orgânico, a uma cultura e o verdadeiro valor é o da autenticidade.

158

Aplicados ao campo do esporte nos guiam para entendermos que o esporte apenas pode ser nosso e bom quando surge das entranhas do povo, pertence a nossa cultura e a ele pertencemos e, por fim, quando o ato esportivo resulta da autenticidade do atleta que joga por valores intrínsecos (amor, gosto ou prazer) ao invés de fazê-lo por valores extrínsecos ou utilitários, como as retribuições que vigoram no profissionalismo (Lovisolo, 2002). O raciocínio coloca em dois pólos antagônicos o prazer pelo ato esportivo e o praticar esporte como profissão, como se fossem duas ações excludentes por si só.

Um breve recorrido na literatura sobre o esporte, e especialmente sobre o futebol, no caso brasileiro, permite observar

de forma contextualizada como esses valores operam como produção dos sentidos presentes.

A crítica ao profissionalismo é quase permanente e recorrente. Fala-se de um tempo em que se jogava por “amor à camisa”, em que o vínculo entre o atleta e o clube, o atleta e a nação ou a região, era baseado em uma relação de paixão, igual ao que o torcedor possui pelas cores que representam seus pertencimentos. Assim, no tempo passado e lembrado com saudade os atletas eram autênticos. O mais interessante é notar que Mário Filho no seu clássico *O Negro no Futebol Brasileiro*, cuja primeira edição foi publicada em 1947, registrava este discurso contra a comercialização do futebol no primeiro capítulo, intitulado “Raízes do Saudosismo”, apesar de que a profissionalização do futebol era muito jovem e ainda nem tinha adquirido a maioridade. Isto é uma prova contundente de que o “saudosismo romântico” é um sentimento presente nos sentidos com os quais nos relacionamos e damos significados ao esporte e, em particular, ao futebol.

Costuma-se também descrever os dirigentes esportivos como inexoravelmente mercenários, como indivíduos que só pensam no lucro e que, por isso, fazem mal ao esporte. Esta visão negativa dos dirigentes parece ser universal, como demonstrou Helal (2002) em análise do filme norte-americano “Campo dos Sonhos”. Não apenas o nosso Presidente Lula, quanto uma boa parcela dos torcedores e da imprensa, visualiza a sombra do mercantilismo, do utilitarismo, da falta de autenticidade e de amor à camisa nos atletas brasileiros que jogam em times, sobretudo europeus, convocados para ...

159

... defender as cores nacionais. A visão é de que partiram por valores extrínsecos, retornos monetários ou fama, e não pela autenticidade do amor ou paixão pelo clube que os formou e onde “brincaram” desde crianças. Alguns deles, confirmando a força do discurso romântico, declaram que pensam finalizar seus dias em algum time nacional e popular, geralmente o “time do coração.” Parecem sentir a culpa provocada pelos argumentos românticos e necessitam formular uma promessa de futura recuperação da autenticidade.

No caso brasileiro, uma recorrência importante da matriz romântica, é a ênfase posta na origem popular e pobre, de baixo para cima, de nossos ídolos futebolísticos. Este fato é verdadeiro e não estamos em desacordo com o registro. Porém, a dimensão dada à pobreza inicial é, muitas vezes, usada como um fator importante para a “criação” de grandes craques do futebol brasileiro. Temos aí uma profusão de discursos neste sentido. Discursos que falam de menino pobre de Bento Ribeiro ou de Vila da Penha, por exemplo, e que depositam neste passado de carência a razão para as habilidades extraordinárias dos craques. A narrativa induz ao raciocínio de que o fato destes jogadores terem praticado futebol em terrenos baldios, com pedras ou árvores no “campo”, ou em esquinas de rua, com paralelepípedos e calçadas como obstáculos, e ainda terem jogado descalços e, muitas vezes, com bolas de meia, os habilitou ao drible desconcertante, à agilidade com as pernas, ao famoso “jogo de cintura” etc. De modo sucinto, podemos denominar como “saudosismo da várzea” aos significados dessa interpretação.

Não se percebe que muitos outros jogaram e continuam jogando nestas condições e, nem por isso, “vingam” como jogadores profissionais e estão muito longe de serem excepcionais. Nem tão pouco que a dedicação quase exclusiva a correr detrás de uma bola improvisada em um terreno desfavorável, ensaiando e criando um jogar excepcional, pode ser vista como produto da ausência de outras atividades vitais como escolarização ou trabalho que interesse e gratifique.

O perigo destas narrativas é que se esticarmos a argumentação um pouquinho mais, terminamos fazendo uma apologia da pobreza. Os grandes craques surgem da ...

160

... pobreza. O que fazer quando - e se - o Brasil erradicar a pobreza? Não mais teríamos grandes jogadores? Perderíamos o tão comentado “jogo bonito”?

A realidade é mais ambígua e complexa que as formulações do romantismo e, não raro, embora de forma menos evidente, entram os argumentos da ilustração como complemento ou compensação necessária. Neste sentido, o discurso sobre o treinamento racional, científico ou técnico é lembrado como, por exemplo, ocorreu em algumas matérias recentes que intencionavam rememorar as conquistas da seleção brasileira nas Copas de 1958 e 1970. O jornalismo esportivo brasileiro que, tradicionalmente cultivou a “malandragem” como ingrediente genuíno para o êxito de nossos craques, começa, aos poucos, a se utilizar do discurso que louva o trabalho e o planejamento tático. Romário, símbolo maior do jogador-malandro”, declarou, assim que parou de jogar, que os jornalistas sempre confundiam o fato de ele “não gostar de treinar” com o “mito de ele não treinar”. Será que a “confusão” não era intencional?

Avança-se, ainda que timidamente, na direção da conciliação e, assim, o talento, que viria do berço popular, embora modalizado pela disposição individual, deve ser trabalhado e lapidado em suados e prolongados treinos.

Sem esta arquitetura de conciliação argumentativa como explicar a excelência do Brasil em um esporte técnico como é o vôlei, onde a matriz romântica do populismo, do pertencimento e da autenticidade pareceria não ter lugar? Neste caso, a explicação para o êxito se procura na política racionalmente orientada, no treino técnico e tático, no conhecimento aplicado sobre disposições, especialmente físicas, apropriadas. A pobreza não é condição para sua excelência, ninguém fala da quadrinha improvisada na rua. A prova dos nove pareceria ser que no caso do vôlei não emerge o desejo de convocar apenas os atletas atuantes no país. Quem defende deixar Giba de fora?

Referências Bibliográficas

BERLIN, I.; Vico e Herder, Brasília: Ed. UNB, 1982.

FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964 (2ª edição).

161

HELI AL R. “Campo dos Sonhos: esporte e identidade cultural” In ARNT H e HEI AL R. *A Sociedade na Tola do*

HELAL, R. "Campos dos Sonhos: esporte e identidade cultural". In: HELAL, R. e SOARES, J.A. *A Sociedade na Terra do Cinema: imagem e comunicação*. Rio de Janeiro, E-Papers, 2002.

LOVISOLO, H. "Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia", in Helal, R.; Soares, J.A. e Lovisolo H., *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*, Rio de Janeiro, Ed, Mauad, 2001

